



Os desafios do cloud computing

De tempos em tempos, o mercado de tecnologia cria e ressuscita termos, siglas, conceitos. Alguns definem marcos, outros são esquecidos na mesma velocidade com que despontaram. Atualmente, cloud computing (ou computação em nuvem) tem sido manchete nas publicações especializadas em tecnologia. É a buzzword do momento. Mas a percepção ainda não está clara e são muitas as indagações a respeito da nova tendência.

O termo compreende uma significativa mudança de comportamento na adoção da tecnologia: o poder de processamento sai dos PCs e dos servidores corporativos internos para se concentrar em data centers externos. Do ponto de vista técnico, pode-se dizer que o cloud computing é uma evolução. Resulta da maturidade e convergência de outros conceitos como computação móvel, data warehouse, software como serviço e virtualização.

Sob o aspecto financeiro, há possibilidades vantajosas. No momento em que as empresas do mundo todo estão revendo gastos, os departamentos de TI podem enxergar nos serviços de computação em nuvem um uso mais racional da tecnologia, de acordo com a demanda. Aliado a isso, pode ainda reduzir a capacidade

de processamento das máquinas e diminuir o custo total de propriedade.

Com algumas sinalizações positivas, há de se perguntar o que falta para que o cloud computing vingue de uma vez por todas. A resposta é tempo. Na prática, a equação demanda x oferta ainda depende de muitas variáveis e barreiras. Calculo que levaremos, ainda, uns três anos para que o mercado assista a uma produção em escala nesse campo.

Algumas gigantes da tecnologia já anunciaram seus planos, investindo alto na computação em nuvem. Google (App Engine) e Amazon (EC2) deram os primeiros passos. A Microsoft anuncia para o final de 2009 sua plataforma de serviços, Azure, em um movimento fora da sua estratégia convencional. Em paralelo, HP e IBM também investem em

poderosos data centers, um dos pilares do cloud computing. Entre as gigantes de software, Oracle e SAP movimentam-se em torno das soluções sob demanda, mas ainda parecem aguardar o cenário ficar mais claro para apresentar suas posições.

Do lado dos consumidores, podemos dividi-los em três perfis: usuários finais, grandes empresas e as pequenas e médias. Para uso doméstico, adotar aplicativos baseados em data centers externos pode baratear os custos de hardware ao reduzir as exigências de processadores de alto desempenho e memória. Para o segundo perfil, questões como segurança e gerenciamento dos serviços são vitais, e as garantias nesses quesitos estão distantes.

Já o terceiro perfil, o das milhões de pequenas e

médias empresas, poderia se beneficiar muito da computação em nuvem, uma vez que seu sucesso está atrelado à equação de fazer mais gastando menos. As pequenas, por exemplo, não costumam ter sistemas de gestão empresarial, por considerá-los caros e complexos. Para esses casos, o uso de aplicações corporativas no modelo de cloud computing faz todo o sentido. E sua adoção ainda poderia ajudar a reduzir a pirataria nos sistemas de automação de escritório.

Em 2009, o Gartner listou o cloud computing entre as 10 tecnologias mais influentes, como já aconteceu em 2008 e deve se repetir nos próximos anos. Analistas, fabricantes, integradores, prestadores de serviços, usuários domésticos e corporativos. Todos nós olhamos com interesse o movimento. Mas estamos conscientes de que ainda há muito a ser definido. •